AUTO
DOS QUATRO NOVISSIMOS
DO HOMEM,

NO QUAL ENTRA TAMBEM HUMA MEDITAÇAÕ das penas do Purgatorio,

ESCRITO TUDO

POR JERONYMO CORTE-REAL.

LISBOA,

NA OFFICINA PATRIARCAL.

MDCCLXVIII.

Com as licenças neceſſarias.

AUTO
DOS QUATRO NOVISSIMOS
DO HOMEM,

No qual entra tambem huma Meditação das penas do Purgatorio,

ESCRITO TUDO

POR JERONYMO CORTE-REAL.

LISBOA,

NA OFFICINA PATRIARCAL.

MDCCLXVIII.

Com as licenças necessarias.

ADVERTENCIA
DO IMPRESSOR.

CAsualmente chegou á minha maõ hum manuscrito antigo, que constava de composiçoens de diversos Authores; entre as quaes achey tambem esta, que agora te offereço, leitor amigo. He obra do grande Jeronymo Corte-Real, Poeta taõ conhecido no orbe literario, como todos sabem, e mostra a aceitaçaõ das suas obras. Poeta, que na opiniaõ dos mais intelligentes destes estudos, naõ só na versificaçaõ, senaõ ainda em materia de Poesia, podia muy bem dar liçoens a Bernardes, e a Ferreira, do que te déra algumas provas, se a brevidade de huma advertencia o permittisse: porém disto em outra occasiaõ. Por ora, se tens algum conhecimento de estylos, creyo naõ duvidarás ser isto obra sua. Nella, além da erudiçaõ de que era ornado, mostra bem a piedade do animo, e o como vivia preparado, e disposto para a eternidade. Naõ desprezes este escrito, por se intitular *Auto*; porque com este mesmo titulo escreveraõ alguns Authores de grandes estudos, e abalizada literatura, assim como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel, e outros, de que julgo superfluo fazer catalogos. Naõ me atrevi a mudar nada da Orthografia com que estava escrito; porque a letra mostrava tanta antiguidade, que quando naõ fosse a do proprio original, seria de huma copia feita immediatamente delle. Aproveita-te de tudo, e encommenda-me a Deos.

EPI-

EPIGRAMMA
AOS ENGANOS DA VIDA.

AY misero ſugeito, ay natureza
Mortal, caduca, fraca, e eſvaecida!
Ay vãos contentamentos, que triſteza,
E lagrimas nos dás na deſpedida.
Ay fantaſticas pompas, que em pobreza
Todas vos reduzis no fim da vida;
Como eſtragais o cego entendimento
Daquelle que de vós faz fundamento!

Huma mortalha horrenda, hum ſom choroſo
O acompanha á funebre ſepultura:
Alli pára o ſublime eſtado honroſo,
E do mundo a perverſa, ou boa ventura.
O alto, o baixo, o fraco, o poderoſo
Alli moſtraõ disforme, e vil figura;
E todos em geral no paſſo forte
Huns meſmos accidentes tem da morte.

PRI-

PRIMEIRO NOVISSIMO,

QUE HE A MORTE.

ACabem-ſe já os baixos penſamentos
Deſta fraca, mortal, humana vida:
As nevoas ſe desfaçaõ, e os vapores
Deſtas triſtes, mundanas ignorancias.
Acabem-ſe as fantaſticas delicias,
As pompas, e os eſtados que perecem;
Pois, ò tu impia morte, em fim naõ fazes
Differença do Rey ao baixo, e pobre.
Acabe-ſe o viver deſordenado
De mil diſſoluçoens, e males cheo,
Pois o tempo ſe paſſa, e vem chegando
O termo derradeiro. chora triſte.
Venhaõ lembranças já do paſſo eſtreito
Taõ certo, taõ geral, e taõ temido:
Detenha-ſe a memoria na penoſa,
Trabalhada, mortal, triſte agonia.
O' alma minha, cega, deſcuidada,
Quem te traz enganada? quem perdida?
Que fundamentos fazes dos enganos,
E tranſitorios bens taõ pouco firmes?
Torna já ſobre ti, diſpoem-te hum pouco
A cuidar naquella hora aſpera, e dura
Chea de medo, horror, e grande eſpanto;

 De

De acerbiſſima dor, e mortal ancia.
Cuidarás no trabalho, e grave affronta
Que terás, alma minha, quando vires
Os mal gaſtados dias acabados;
E a conta que has de dar eſtreita, e certa.
Quando a ultima hora, e final termo
A teu proximo vires já chegado,
Olha aquella agonia, e grave anguſtia
D'outra alma, que alli eſtá a ti ſemelhante:
Verás o triſte corpo padecendo
Huma dor, e trabalho incompotavel,
E o denegrido roſto rodeado
Do ſuor copioſo, lento, e frio.
Alli verás os olhos traſpaſſados,
Nadando em morte já, e os beiços negros.
Na garganta ouvirás hum ſom funeſto,
Que te diz: Outro tanto a ti ſe aguarda.
Verás o peito inchado, os membros laſſos,
O anhelito apreſſado, a cor defunta.
Verás hum gram tremor quando ſe rompe
Eſte corporeo véo, e a alma ſe arranca.
O meſmo has de paſſar, naõ o duvides,
O' alma deſcuidada; e pois he certa
Eſta dura batalha, quem te engana?
Porque naõ eſtás para ella prevenida?
Verás hum piedoſo ſentimento
De lagrimas, lamentos, e gemidos.
Verás o deſamparo dos que criaõ
Naquella vida ter remedio certo.
Logo verás o corpo já defunto,
Levado com funebre, e triſte pranto;
E velo-hás deixado em companhia
De huma vil corrupçaõ, e de guſanos.

Se

Se a cada passo vês morrer aquelles,
Que em estado, e riquezas confiavaõ,
Ou em saber, e forças: como pódes,
Alma minha, cuidar que estás segura?
Idades vaõ, e vem: gastaõ-se os annos,
Passa-se como em sonho a nossa vida;
E em fim naõ ha quem possa defenderse
Da poderosa maõ do tempo avaro.

Cuidarás, alma minha, os Reys antigos,
Que o mundo todo já senhorearaõ,
E os fortes Capitaens taõ bellicosos,
Que grandes, e altos feitos emprenderaõ,
Como a morte cruel os levou todos.
(Que em fim a seu poder tudo se rende.)
Desfez os fundamentos, e as promessas
Da prospera, ditosa, longa vida:
E aquella fermosura, que foy sempre
Homicida, e culpada em tantos males,
O tempo a rouba, e muda em triste aspeito,
Em sembrante medonho, e fórma horrenda.
Os mandos, os poderes, rizo, gosto,
Todos desaparecem, todos fogem
Como ligeira sombra; e naõ ha cousa,
Que n'um estado firme muito dure.
Como purpurea rosa, e branco lirio,
Como suave flor sae fresca, e bella
A fermosura humana: mas n'um ponto
Desbaratada fica, murcha, e triste.
Apos tantas miserias, no discurso
Desta penosa vida já soffridas;
Apos tantos trabalhos se nos guarda
A terrivel visaõ da morte dura.

Alma, naõ te descuides: olha o premio

Que

Que recebem do mundo os ignorantes.
A Deos pede perdaõ do mal paſſado,
E pede-lhe favor para o futuro.
A ſagrada Paixaõ, as graves dores,
As injurias, oprobrios, e tormentos,
Que por ti padeceo, pede que os ponha
Entre o ſeu juſto juizo, e a tua culpa.
Apreſenta-lhe a Crux, a lança, os cravos,
A pungente coroa, e Divo ſangue:
Apreſenta-lhe lagrimas choroſas
Com pura contriçaõ, e arrependida.
Dize-lhe: O' Redemptor, brando, e benigno;
O' piedoſo Senhor, quando meus males,
E delictos enormes ao profundo
Inferno com razaõ me condenarem,
Olha, meu Deos, as mãos, olha a lançada,
Que o coſtado te abrio: olha os tormentos,
Que por mim padeceſte; alha quam cara
Compraſte a redempçaõ dos mortais homens.
Tua feitura ſou, naõ me deſprezes:
Ouveme, ò bom JESU, que por ti brado:
Naõ conſintas, Deos meu, que ſe condene
Quem com teu puro ſangue redemiſte.

SEGUNDO NOVISSIMO,

QUE HE O JUIZO.

DEpois de contemplares, alma minha,
No duro apartamento, e longa auſencia,
Occupate em cuidar, ſe quer hum pouco,
Naquelle ultimo dia amaro, e grande,

Dia

Dia caliginoſo, dia horrivel,
Aſpero de rigor, dia medonho;
Cheo de impetu, ira, e de juſtiça,
Cheo de confuſaõ, pena, e d'eſpanto.
Verás os dous Planetas fermoſiſſimos
Sem reſplandor cubertos de triſteza,
E verás as eſtrellas eclypſadas,
Tornada a ſua lux em puro ſangue.
Verás todos os Orbes deſcompoſtos,
Diviſos entre ſi os elementos.
Do proceloſo mar ouvirás grandes
Horrendiſſimos roncos, e rumores:
Dos deſmandados ventos a gram furia:
Ouvirás hum terrivel fero eſtrondo.
Verás o mundo todo perſeguido
Com aſpera, e duriſſima tormenta.
Verás tremer montanhas, e altas ſerras;
E a machina admiravel desfazerſe.
Verás todas as aves dando gritos,
E os mudos peixes mil gemidos triſtes.
Verás perturbaçaõ nas creaturas
Irracionaes, ſentindo desfazerſe,
E acabarſe de todo o ſer perfeito
De ſua natureza, e amada vida.
No intrinſeco temor dos peccadores,
No medo que os trará desfigurados
Cuidarás, alma minha, e na eſpantoſa
Tribulaçaõ geral em toda a parte.
Verás os altos Ceos todos abertos
Moſtrando deſuſada lux, e os ares
Clariſſimos, e puros povoados
De celeſtes divinos moradores.
Com reſplandor verás nuvens ſulgentes;

 Nellas

Nellas Chriſto JESU com mageſtade,
E com poder grandiſſimo, que deſce,
Por dar ſatisfaçaõ juſta, e conforme.
 Aquelle experto ſom, e vox horrenda
Da trombeta ouvirás, que ſoa, e brada
Dizendo: Levantaivos n'um momento,
O' mortos, reſurgi, vinde a juizo.
Verás das ſepulturas levantarſe
Corpos de grandes tempos conſumidos;
Attonitos, paſmados, aguardando
A divina ſentença alegre, ou triſte.
Os culpados verás, que naõ ſe atrevem,
Nem ouſaõ levantar aos Ceos os olhos:
E vendo alli os tormentos que merecem,
Verás chorar em vaõ ſeus duros males.
 Oh quanto os triſtes deraõ, por naõ terem
A vida em breves goſtos deſpendida,
Pois claramente vem o pranto eterno,
E o tormento ſem fim, que já os aguarda!
Verás na multidaõ quaſi infinita
Differentes extremos manifeſtos:
Lagrimas, e triſteza de huma parte,
Receo, confuſaõ, temor, e eſpanto.
De outra parte verás mil alegrias
Nas almas eſcolhidas, deſtinadas
Para ſer moradoras lá na Glória
Gozando alli de Deos eternamente.
Verás os peccadores acanhados,
Corridos, afrontados, e medroſos:
Verás como lhes diz Deos indignado,
Com juſtiça direita, e razaõ juſta:
Hivos, deſcey malditos para ſempre
Ao tormento ſem fim, e fogo eterno.

Pois

Pois que me viſtes nú, naõ me cubriſtes,
Houve fome, e vós naõ me ſoccorreſtes.
Sentença rigoroſa, mas direita
Será condenar Deos aos obſtinados;
Aquelles que no mundo falſo, e breve
Puzeraõ todas ſuas eſperanças.
Imaginarás, alma, a terra aberta,
Aparecendo o triſte, eſcuro centro.
Imagniarás vir com fero eſtrondo
De lá bramando mil ardentes chamas.
Verás as triſtes almas já veſtidas
Em reformados corpos, com que preſſa
Sem parar, nem deterſe vaõ tombando,
Daquella grande altura té os abiſmos.
Imagina, alma minha, na eſpantoſa
Profundiſſima gruta, ardida, e negra;
Os miſeros que vaõ ao criminoſo,
Abominavel reyno dos defuntos,
Como os duros penedos da caverna
Tenebroſa, infernal enchem de ſangue,
Fazendo-ſe em pedaços na aſpereza
Dura, ferrenha, toſca, e carcomida.
Verás o Redemptor como na gloria
Entra com grande pompa triumphando,
Rodeado de Angelicos eſpritos,
De Martyres, e Santos que o amaraõ.
Imagina cerrarſe eternamente
O Ceo, ficando em ſumma gloria os juſtos;
E o Inferno cerrarſe, onde affligidos
Seraõ eternamente os condenados.

TER-

TERCEIRO NOVISSIMO,

QUE HE O INFERNO.

DEpois de te occupares nisto hum pouco
Cuida na eternidade dos tormentos
Daquelles, que as mundanas alegrias
Caducas, transitorias escolheraõ.
Descerás por caminhos carregados,
Sombrios, agros, tristes, e medonhos;
Por mil concavidades escurissimas,
Onde lux naõ se vio, mas noite eterna.
Irás por vales fundos, tenebrosos,
Cubertos de cerrado espesso bosque:
Alli verás por elles vir bramando
Com furia arroyos de agoa negra, e turba:
Ouvirás das nocturnas tristes aves
Miseraveis gemidos prolongados:
De touros, e leoens ouvirás grandes
Bramidos espantosos, e terriveis.
Verás hum bravo vento impetuoso
As arvores funestas combatendo;
E nos ares escuros verás muitas
Fantasmas, e visoens mal assombradas.
Imagina que vás vendo lugares
De trabalhos, e dores todos cheos;
E huns verás de neve regelados,
Batendo os dentes tristes peccadores:
Velos-hás nús, e pobres padecendo
Huma afronta, e vergonha intoleravel.
Verás que em tal miseria se lhes nega
Consolaçaõ, remedio, e esperança.

Em

Em mil nevosos lagos verás muitas
Almas com dor gritar: mas que aproveita,
Que as lagrimas alli saõ vans, e os gritos
Leva-os hum grande vento, ao Ceo naõ chegaõ.
O' alma minha, grita, grita em quanto
Te concede Deos tempo, e aqui te espera:
Lamenta, e chora cá teus graves males,
Pois redempçaõ naõ há no triste inferno.
Alli verás os tristes traspassados
De nebrina, e geadas excessivas;
Encolhidos os nervos de hum penoso
Cruel, molesto, duro, mortal frio,
Com tremulosa vox desconsolada.
Verás que ao Ceo se queixaõ: e os accentos
Cortados do tremor ficaõ no meio
Das miseras gargantas opprimidos.
Hirás mais adiante, verás outros
Empoçados em vil, immunda escoria;
Os rostos horrendissimos comidos
De corrosiva lepra, e humor podre.
Alli verás vapores represados
De peçonhento cheiro, e ar corrupto.
Hum pranto alli ouvirás: hum triste choro,
E hum gemido contino, sem proveito.
Verás os preguiçosos ir correndo
A seu pezar por ingremes ladeiras,
Por montanhas fragosas, por caminhos
De espinhos agudissimos cubertos.
Alli algozes verás, que vaõ seguindo
Aquella lenta turba miseravel:
Com duros aguilhoens verás que os forsaõ
A mudar com presteza o tardo passo.
As costas lhes verás correndo sangue

Da-

Daquelle penoſiſſimo tormento :
E como a grave dor os deſatina
De alcantilladas rochas ſe abalançaõ.
Imaginarás eſtes deſpenhados
Daquella altura immenſa, e no profundo
Horrido, eſcuro centro, em mil ſulphureos
Ardentiſſimos lagos ſubmergidos.
Verás da queda horrenda o impio golpe
Dividir as fumoſas, negras ondas :
No concavo lugar ouvirás juntos
Triſtes vozes choroſas, e carpidas.
Imagina ferver o lago ardente,
Eſcondendo, e moſtrando os triſtes corpos,
Revolvendo-ſe todos em dor grave,
E com certos ſignais de pena intenſa.
Junto deſtes verás outros penando,
Saltando-lhe dos olhos fogo ardente :
Embravecem-ſe vendo a eterna gloria,
Que Deos aos eſcolhidos aparelha.
Verlhe-hás peitos abertos, e abraſados
Oſſos, nervos, e veas accendidas.
Verás que com grande ira a Deos reprendem
Seu ſacroſanto nome blasfemando.
Verás os que no mundo ſe prezaraõ
De banquetes inſignes, e puzeraõ
Sua felicidade na baixeza
Do excceſſivo comer, e torpe goſto
Quaõ famintos eſtaõ, quaõ ſem remedio,
Comendo ſapos mortos, e immundicias,
E da penoſa ſede trabalhados
Com gritos vaõ favor, em vaõ pedindo :
Em charcos, e piſcinas fedorentas,
Onde verás ferver podres guſanos

Se

Se debruçaõ com pena recolhendo
Nas bocas a torpiſſima vaſura.
Conſumidos verás os envejoſos
De hum guſano cruel, que os atormenta
Roendo-lhe as entranhas, pela gloria
Que os bemaventurados no Ceo gozaõ.
A viſta eſcura, os olhos carregados,
O ſembrante triſtonho, a cor defunta,
Os coraçoens danados, e as entranhas
De peçonhentas viboras mordidas.
Os miſeros verás que em amor torpe,
E em laſcivo deleite ſe occuparaõ,
Eſtendidos em brazas ardentiſſimas
Hum aſpero tormento padecendo.
Miniſtros infernaes com grande furia
Verás como lhes poem (oh grande laſtima)
Largos ferros em vivo fogo acezos,
Que lhes paſſaõ n'um ponto até as entranhas.
Verás a levantar hum fumo negro
Da carne atormentada, e vir fervendo
Hum ſanguinoſo humor, com tal rugido,
Qual faz o ferro acezo poſto na agoa.
Verás os avarentos oppilados,
Cubertos de huma cor pallida, e triſte:
Velos-has ſem repouſo, e com anguſtia,
Buſcando os vãos theſouros, que adqueriraõ,
Dos quais huma penoſa ſaudade
As almas lhes traſpaſſa de contino,
Com graviſſima dor no penſamento;
E lá continuamente os imaginaõ,
De tal tribulaçaõ afadigados
Suſpiraõ, gemem, choraõ ſem proveito,
E neſta ancia perpetua os verás todos

Inquie-

Inquietos, penados, e affligidos.
Verás dependurados por antigos,
Queimados sovereiros outros muitos
Desta triste companha, dando gritos
Co' as insofriveis dores que padecem.
Verlhe-has nos pés atadas bolsas cheas
Desse metal pezado, pardo, e frio.
Verás aquelles corpos peçonhentos
Das vêas destillar sangue corrupto.
Logo abaixo verás tanques fervendo,
Hum azullado enxofre, vivo, ardente,
Onde verás soberbos castigados,
E a sua presumpçaõ tornada em dores:
Os pés no ar alçados, e as cabeças
No lugar mais profundo submergidas,
(Assi se trataõ lá nescios desprezos,
E as vans, avorrecidas arrogancias.)
Vendo-se assi afrontados em estado
Taõ baixo, miseravel, e abatido
Crescelhes a soberba aborrecendo
A sogeiçaõ; o mando inda procuraõ.
Verás hum turbulento espesso fumo
Pelos lugares concavos sombrios:
De açoutes crudelissimos os golpes
Ouvirás; e apos elles grandes gritos,
Sem poder revolverse em tal miseria.
Verás quam apertados estaõ todos;
Padecendo hum trabalho, e afronta immensa
Os verás de suor todos cubertos.
Verás com quanta dor os já precitos
Bradaõ pela cruel, e triste morte;
Dezejaõ de morrer; mas ordenado
Está por Deos, que assi morrendo vivaõ.

Ima-

Imagina que dor os atormenta,
Vendo alli defcubertos feus peccados,
E os delictos enormes, que em fegredo
Cometteraõ, que alli faõ conhecidos.
Naõ verás alli ordem, mas efpanto,
Medrofo, arrepiado, e fempiterno.
Verás choros, gemidos, verás dores,
E de dentes tremer contino horrivel.
Hipocritas verás com triftes roftros
De huma pallida cor, e máo fembrante
Comidos de gufanos; e apos eftes
Verás os que negaraõ cá juftiça,
Ou por puro intereffe, ou por máo zelo:
Por inclinaçaõ má, ou por vontade,
Difpofta a fazer mal, fem caufa jufta,
Movidos de refpeito iniquo, e civel.
Algozes infernais com puro açoute
Verás deftes fazer cruel juftiça.
Velos-hás esfolados do tormento,
Negada lhes verás mifericordia:
De todos ouvirás chorofo pranto
De triftes vozes, e oyvos miferaveis,
Mil gritos impacientes, mil blasfemias,
Dando a Deos de feus males toda a culpa.

Outra pena mais forte, mais efquiva,
Mais fera, mais cruel, que mais afflige
Para fempre os danados, e os defmaya,
He carecer de Deos eternamente:
Pena de dano, pena fem remedio:
Pena viva, fem fim, atroz, e dura,
Que excede com gram parte quaefquer outras
Afperas, e terriveis do fentido.
Gnardate defta pena, ò alma minha,

Pois

Pois a do fogo ardente he tanto menos.
Chama por JESU Christo, grita, e brada;
Abraçate co' a Crux, de nada temas.

Meditação das penas do Purgatorio.

A Pos estas lembranças proveitosas
Cuidarás no gravissimo tormento,
Que as affligidas almas lá padecem,
Onde termo a seu mal se lhes lemita.
Alli leves delictos se castigaõ
Em vivo fogo, e penas excessivas:
Alli com grandes dores gritaõ almas,
Que tem postas em Deos as esperanças.
De penas, e trabalhos rodeadas
As verás, e de dura ancia pungidas.
Verás a paciencia com que soffrem
Da divina justiça o rigor justo.
Hum concavo lugar verás cerrado,
E dentro espesso fumo, e fogo ardente.
Alli verás as almas delicadas
Na mor força das chamas submergidas.
Imaginarás mil outros tormentos,
Outras mil graves penas purgatorias.
Ouvirás mil clamores miseraveis,
Que a Deos chamando estaõ continuamente.
Cuida que sendo as almas generosas,
Feitas por Deos á sua semelhança;
Sendo espritos purissimos, e livres,
Criados para o Ceo, e eterna gloria,
Vendo-se encarceladas por taõ torpe,
E taõ baixo metal (em seu respeito)
Como he aquelle fogo que os abraza;
Sentem tormento, e dor intensa, e grave.

Cui-

Cuida como depois de ſeparadas
As almas dos terreſtres, mortaes corpos,
Em tal prizaõ metidas naõ lhes lembra,
Mais que a pena preſente atroz, e dura:
E tendo alli occupados os ſentidos,
E a imaginaçaõ no fogo prompta,
Sentem ſeu mal dobrado, e o tormento
Mais vivo fica aſſi, mais inſofrivel.
Cuidarás na alegria que recebem,
Vendo ſe deſtas penas libertadas;
E como n'um momento ſe apreſentaõ
Ante Deos já perfeitas, e fermoſas.

QUARTO NOVISSIMO,

QUE HE O PARAISO.

DEpois de contemplares na penoſa
Ultima triſte hora taõ terrivel,
E no eſpantoſo dia em que julgados
N'um momento ſeraõ vivos, e mortos;
Depois de contemplares na aſpereza
Do tormento cruel, e dura pena,
Que no profundo abyſmo eternamente
Padecem ſem remedio os condenados:
E depois que a memoria detiveres
Naquelle ardente fogo, e dores graves,
Onde as almas eſtaõ tempo eſperando
Em que ſoltas, e livres a Deos vejaõ:
Cuidarás na jocunda eterna gloria
Da celeſte Cidade, cujas portas
Com ſangue, e ſanta morte do Divino
Humilde Redemptor foraõ patentes.

Verás os edificios, e altos muros
Com rutilantes pedras fabricados.
Alli verás as praças, e aposentos,
Mais que o formoso Sol resplandecentes.
Alli naõ tem lugar a crueldade
Do tempestuoso, bravo, e triste inverno;
Nem o ardor furioso do molesto,
Calmoso intoleravel, duro estio.
Alli flores, e rosas fermosissimas
Fazem ledo veraõ perpetuamente:
Brancos lirios estillaõ hum suave,
Preciosissimo balsamo cheiroso.
Alli os frescos prados estaõ sempre
Mostrando fermosura, e cor alegre:
De varios, e odoriferos licores,
De unguentos aromaticos abundaõ.
Alli estaõ sempre pomos excellentes
Por aquelles florîdos, verdes bosques.
Naõ altéra o seu curso o Sol radioso,
Nem alli senhorêa a branca Lua!
Naõ há trevas nocturnas, nem mudança
De tempos differentes, e contrarios;
Mas Deos, de Deos gerado, e procedido,
Lux de lux verdadeira, eterna, e viva.
Alli verás, ó alma minha, juntos
Em doce companhia os moradores
Desta santa Cidade muy alegres
Cantando a vozes altas Alleluia.
Alli verás o choro sapientissimo
Dos Prophetas, e os doze Companheiros,
Que em varias linguas altos mil mysterios
Da sacra fée prégaraõ no Universo.
Alli verás o Exercito animoso

Dos vencedores Martyres, que a vida
Caduca, fraca, e breve offereceraõ
Fortemente por Deos, e a Deos ganharaõ.
Alli verás dos ſantos Confeſſores
O ſagrado Convento, e verás logo
O belliſſimo choro das fermoſas,
Honeſtas, puras, caſtas, ſantas Virgens.
Verás o reſplandor dellas, que excede
Do Sol o claro rayo luminoſo.
Verás como depois de coroados
Os Santos com triumpho alli ſe alegraõ,
Contando-ſe as batalhas, que no mundo,
Duras, e perigoſas cá paſſaraõ:
E como co' o favor divino foraõ
De ſeus fortes imigos vencedores.
    Alli naõ ſe recebe nunca eſcandalo
De triſtes turvaçoens, mas deſpojados
Do ſogeito mortal, todos repetem
A primeira innocencia, e prima origem.
Naõ ha enfermidades, nem receos
Dos caſos deſeſtrados da fortuna:
Naõ há temor de males, mas continos
Contentamentos, goſtos, e alegria.
    Verás humanos corpos já divinos,
Reſplandecentes, claros, e jocundos;
Excedendo do Sol a lux fulgente
Immortais, impaſſiveis, e perfeitos.
Verás que co' eſtes corpos glorioſos
Unidas eſtaõ almas glorioſas.
Velos-has vencedores com coroas
De immortal ſenhorio, e gloria eterna.
Em eſpirito, e eſſencia a Divindade,
E ſó co' entendimento ſerá viſta;

Por-

Porque como Deos he Eſpirito, aos olhos
Corporaes he negado poder velo.
Verás mui claramente o glorioſo
Corpo que padeceo por noſſas culpas.
Alli verás os Santos traſportados
Na grande ſuavidade de tal viſta.
Alegrarſehaõ em ver aquelle immenſo
Fermoſo Impireo Ceo, onde contentes
Para ſempre eſtaraõ, ſem ter receo,
Nem temor de perder tal reyno, e gloria.
Alli Anjos, e os homeas ſeraõ todos
Na divina Cidade companheiros.
Alegrarſehaõ em ver a fermoſura
Da terra já purgada, e tranſparente.
Gozarſehaõ vendo o mar ſem movimento,
Sereno, claro, puro, e criſtallino,
E de ſe verem livres do medonho,
Tenebroſo lugar, profundo, e triſte.
O' Alma nobilliſſima que foſte
Criada para ſer do Ceo herdeira,
Naõ troques ſempiternas alegrias,
Por triſtezas, e choros ſempiternos.
Naõ percas ver a Deos continuamente,
Onde todos os bens eſtaõ cumpridos,
Por ſeguir vaidades que te levaõ,
Onde a miſeria, e o mal eſtaõ taõ certos.
Naõ deixes huma vida deſcançada,
Reyno taõ apraſivel, claro, e nobre,
Por hum lugar taõ vil, immundo, e torpe,
Taõ fedorento, eſcuro, abominavel.
Naõ deixes para ſempre a companhia
Dos celeſtes eſpritos, e a doçura
Da muſica ſuave, por hum pranto

Miſe-

Miſeravel, amargo, e ſempiterno.
Naõ deixes por trabalhos o deſcanço,
Nem por enfermidade a verdadeira,
E perfeita ſaude, nem por trevas
Medonhas, e eſpantoſas, a lux viva.
Naõ deixes os prazeres deſcançados,
Pelo fogo infernal, cruel, e duro:
Nem deixes inſtrumentos ſonoroſos,
Por gritos, por lamentos, e gemidos.
Nem deixes, alma minha, a ſuaviſſima
Alegre, doce viſta de MARIA,
Eleita Mãe de Deos, toda fermoſa,
Sem macula, e ſem nodoa de peccado,
Exemplo de virtudes, claro eſpelho
Das perfeitas, e caſtas ſantas Virgens:
Fortaleza dos Martyres, Raynha
Dos Angelicos Córos mais ſubidos,
Firmeza dos Apoſtolos ſagrados,
Eſperança da gente que aqui vive
Neſte valle de lagrimas; ſoccorro,
E advogada dos triſtes peccadores.
Naõ deixes tal belleza pela viſta
Das infernais figuras, e eſpantoſas;
Pelas eſcuras trevas, pelo abyſmo
De todas as miſerias, e amarguras.

Soccorrete, alma minha, á Virgem pia,
Madre de Deos, cumprida de mil graças:
Naõ deixes de invocar ſeu ſacro Nome,
E alcançarás por ella eterna gloria;
Onde co' o Padre Eterno Omnipotente,
E com Chriſto JESU, Deos humanado;
Onde co' Eſprito Santo em paz ſegura
Para ſempre eſtarás mui deſcançada.

FIM.

Estimavel, amavel, e glorioso.
Naõ deixes por trabalhos, nem cansaço,
Nem por enfermidades, e vaidades,
E perfeita saude, nem por muitas
Abundancias, e elegancias, e boa vida.
Naõ deixes os prazeres descansados,
Pelo fogo infernal, cruel, e duro:
Nem deixes inflammados tormentos,
Por gritos, por lamentos, e gemidos.
Nem deixes, alma minha, a suavissima
Alegre, doce vista de MARIA,
Eleita Mãe de Deos, toda formosa,
Sem macula, e sem nodoa de peccado,
Exemplo de virtudes, claro espelho
Das perfeitas, e castas santas Virgens:
Fortaleza dos Martyres, Rainha
Dos Angelicos Coros mais subidos,
Firmeza dos Apostolos sagrados,
Esperança da gente que aqui vive
Neste valle de lagrimas, soccorro,
E advogada dos tristes peccadores.
Naõ deixes tal belleza, tal vista
Das infernais figuras, e espantosas;
Pelas escuras trevas, pelo abysmo.
De todas as miserias, e amarguras.
Soccorrete, alma minha, á Virgem pia,
Madre de Deos, cumprida de mil graças:
Naõ deixes de invocar seu sacro Nome,
E alcançarás por ella eterna gloria;
Onde co' o Padre Eterno Omnipotente,
E com Christo JESU, Deos humanado,
Onde co' Espirito Santo em paz segura
Para sempre estarás mui descançada.

FIM.